

De “Des Esseintes” a “Michael Jackson”: o neodecadentismo na cultura contemporânea

Márcia Milena S. de Sousa

Entender tradição perpassa por crise e ruptura. Falar dela é falar do imóvel, do conforto, de certa comodidade. Contudo, num certo momento, o que é ruptura, torna-se tradição. Isso acontece quando o novo se consolida.

Segundo Gerd A. Bornheim o que torna o real possível é a dialética ruptura e tradição: “A tradição só parece ser imperturbavelmente ela mesma na medida em que afasta qualquer possibilidade de ruptura, ela se quer perene e eterna”.(BORNHEIM apud NOVAES, 1987, p. 15). Contudo, o movimento se faz necessário: “sem aperceber-se de que a ausência de movimento termina condenando-a a estagnação da morte”. (Ibidem). É nesse momento que o processo de ruptura alcança o seu auge: “A necessidade da ruptura se torna, em consequência, imperiosa, para restituir a dinamicidade ao que parecia sem vida”. (Ibidem).

No século XVII a base aristocrática consolidada é posta em xeque. Surgem as novas idéias pregando a soberania popular, a igualdade social, a liberdade pessoal e a tolerância religiosa. Estas advêm quando a burguesia começa a reagir contra os excessos do Absolutismo. O século XIX então, é um século burguês com todas as suas nuances. A *transitoriedade* é uma palavra-chave na modernidade.

Esse é o “pano de fundo” ideal para o cenário de Às Avestas que volta às costas à mediocridade dominante no cotidiano e, em contra partida, propõe viver “às avessas”.

Nesse sentido, a obra é um romance romântico, aquele que vai negar a ordem vigente do poder. Vai padecer da nostalgia do absoluto. Há uma postura anti-burguesa por excelência, embora, contraditoriamente, beba desta fonte. Centra o ‘eu’ nas questões últimas.

É também um romance moderno, pois denuncia o esboroa-mento, a ruína de uma tradição na mimesis – a referencialidade da arte.

Na poética do Decadentismo (em fins do século XIX) está o germe, o prenúncio do Modernismo e do Pós-Modernismo, o que me encoraja a ‘estretar laços’, perceber aproximações entre des Esseintes, o herói degradado de Às Avestas e um outro herói também degradado da cultura dos nossos tempos – o Michael Jackson.

Esteticismo e veneno nos dão a dimensão do que foi e é o Decadentismo. Esteticismo pela forma que sobrepõe o conteúdo. Veneno, pois é onde escorre, sangra a tradição ferida de morte. Perversão, maldição, anomalia, doença, neurose, morbidez, artifício do simulacro clausura, estufa e excentricidade corre nas veias. Corre e corrói. Corrosão inevitável – em grande estilo, com todas as pompas e olhares que lhes são dignos, ou melhor, indignos, (pois dignidade não há). Por si só o decadentismo seduz, contagia, embriaga, e após entorpecer, nos convida a assistir o “show” de encenabilidade e pose a que se propõe.

Às Avestas, de Huysmans é um grande espelho avesso da sociedade do seu tempo. Também conhecido como “o evnagelho do esteticismo”, o autor trabalha a obra num texto de auto-referencialidade da clave moderna, onde o grande destaque dessa narrativa anti-naturalista é a arte. Des Esseintes, o herói degradado, é retrato de excentricidade. Contra-gosto médio da burguesia, tudo o que a maioria passa a gostar ele abomina. No “Prefácio escrito vinte anos depois do romance”, o criador de des Esseintes revela ao falar do herói decadentista:

(...) eu imaginava um senhor Folantin mais letrado, mais refinado, mais rico e que havia descoberto, no artifício, um derivativo para o desgosto que lhe inspiram as azáfamas da vida e os costumes americanos de seu tempo; eu o representava fugindo a toda pressa para sonho, refugiando-se na ilusão de magias extravagantes (...) (HUYSMANS, 1987, p. 259).

Sem dúvida, um romance que pretende (e consegue intoxicar). A neurose leva à hiperestesia – exacerbação dos sentidos. O herói é magro, doente, e desde pequeno sofre pela superexcitação dos nervos. Enclausurado numa “torre de marfim” ele sobrevive às avessas do turbilhão do seu tempo. É nessa atmosfera que tempos depois encontramos o Michael Jackson. Caldeirão de rostos, restos, ruínas reeditadas, vivemos no palco da contemporaneidade, onde se vive só, em meio à multidão. Onde o flunar é condição primeira e embriaga um dos mais requisitados sentidos: o olhar. E todos os olhares voltaram-se para um dos maiores mitos criados (e todo o mito é criação) da nossa cultura – no fim dos anos 80, o mundo ocidental nomeia

Michael Jackson “o artista da década”. Um artista já enclausurado pela fama e pela fortuna.

Vejam, então, algumas possíveis aproximações entre as características do Decadentismo nas figuras de des Esseintes e de Michael Jackson, tendo como parâmetro o “tripé” apontado por Isaías Latuf Mucci: “Dentre os cultos iniciáticos do Decadentismo, assinamos uma trindade, não santíssima, mas artificialíssima: o dandismo, a androginia e a artificialidade como simulacro” (MUCCI, 1994, p. 48).

O DANDISMO: Conta ainda o autor, que em estado dicionarizado, a palavra “dândi” conceitua um homem que se veste com extremo apuro, conceito este que ficaria em débito com o real significado do fenômeno do dandismo, iniciado nos primórdios do século XIX. “Dândis eram jovens que pertenciam à mais alta aristocracia britânica e que formavam uma espécie de sociedade tácita que se atribuía o direito exclusivo de dar o tom da moda”. (MUCCI, 1994, p. 49). Conhecido também como “o almofadinha”, esse conceito foi revisto: “Figura singular, o dândi assumiu, no Decadentismo, outra postura além da caracterizada pelos dicionários, enciclopédias e jornais, embora possa ser mantido um aspecto exterior estranho e provocante”.(Ibidem).

Símbolo de rebeldia, o dândi decadentista vai se distinguir da massificação pela indumentária. A sua roupa marcará a sua diferença que rejeita a coisificação através de uma originalidade absoluta, retratada em pose que coloca a estética acima da ética vigente da qual

ele se recusa a compactuar, “(...) ao redigir a ostentação de sua diferença, o dandy decadentista, herdeiro de Baudelaire, contrariava o projeto massificador da sociedade”. (BOUÇAS, apud BARROS, em artigo eletrônico). Essa opção é ratificada ainda “em seu gesto desafiador de aspirar à originalidade absoluta, o dandy opta por distinguir-se da massa burguesa através de sua opção explícita pela transgressão à moral vigente e pela sua indumentária ornamental e excêntrica”. (Ibidem). O que revela de forma mais perceptível a sobreposição da estética sobre a ética: “Sua afetação e teatralidade traduzem o culto estetizado que faz de si próprio”. (Ibidem). Assim o é des Esseintes, assim o é Michael Jackson. O primeiro despreza “o comum dos homens”:

Desprezando, com efeito, o comum dos homens, cujas grosseiras retinas não percebem nem a cadência própria de cada cor nem o encantamento misterioso de sua degradação e de suas nuances; desprezando igualmente os olhos burgueses insensíveis à pompa e à vitória das cores vibrantes e fortes; (...) (Às Avessas, 1987, p. 46).

O segundo pôde ser visto ao longo de sua carreira, numa progressiva mudança, que vai desde os cabelos, (antes, na época dos Jackson 5, ao melhor estilo negro), e em seguida, alisado ou em cachos. Também adotou sapatilhas, casacos brilhantes, e depois, apetrechos exdrúxulos, tais como máscaras cirúrgicas, chapéus e indefectíveis óculos escuros. Toda uma imagem planejada meticulosamente, tornando-o um recluso ainda mais. “O isolamento do dândi articula-se com o individualismo, no entender de Roland Barthes,

que explica essa união fatal pelo uso desvairado do paradoxo”. (MUCCI, 1994:51), e explica: “Seres privilegiados em que o belo e o temível se confundem misteriosamente” (BARTHES, apud MUCCI, 1994, p. 51). E ainda: “(...) Na ostentação de uma superioridade que se nutre de aparências, o dândi prima pela elegância, pelo refinamento, pelos gestos estudados, com o objetivo de surpreender e chamar a atenção sobre sua pessoa”. (CUNHA, 1990, p. 5-6). Esse é o alicerce de des Esseintes durante toda a narrativa, e também o de Michael Jackson ao longo de sua carreira. Dois dândis em sua forma mais artificial e sofisticada, criada, transmutada e aceita por nossos olhos, que apesar do espanto, batem palmas para esses dois personagens ao figurarem em seus palcos à luz dos nossos olhos.

A ANDROGINIA: Na “tríade”, a androginia é base importantíssima. A saber: “(...) justaposição de contrários, desde sempre sonhada como primeira origem e derradeira meta dos seres vivos, divinos humanos, tidos como perfeitos” (Y. K. Centeno. Apud MUCCI, 1994, p. 54). Na “bíblia decadentista” a androginia transita até nas flores, para depois se mostrar de fato, através dos personagens. “As venenosas flores genitais de Huysmans são andróginos botânicos, como a rosa e o lírio tigrino rabugentos de Lewis Carroll.” (PÁGLIA, 1992, p. 400). O pesquisador Isaías L. Mucci observa e aponta também a androginia em *Às Avestas*:

Emblema do Decadentismo, o andrógino figura na “bíblia” huysmaniana, quando o autor narra o episódio de Miss Urânia, uma americana de corpo bem-feito, de pernas nervosas, músculos de aço, braços de ferro, com quem des Esseintes deseja trocar de pa-

pel sexual numa relação amorosa, sonho quase logo em seguida frustrado, porque não existia, no corpo da parceira cobiçada às avessas, a “transmutação das idéias masculinas”. Transcendendo o plano fisiológico em que busca uma fusão espiritual, a androginia decadentista vinca de amargos o sonho da perfeição impossível. (MUCCI, 1994, p. 56).

Texto de sexualidade indefinida e ambígua, como o texto contemporâneo, um dos símbolos de androginia, a flor, é uma das paixões de des Esseintes, contudo, não as naturais, mas as artificiais. As que desviam do natural, do que rege a norma, o modelo consolidado, aceito e tido como ético. Desviante, consta também na biografia de Michael Jackson, episódios de anomalia e perversão. O mais conhecido é a sua preferência por menores do sexo masculino. A notícia estourou na mídia nos idos de 1992, período em que Michael suspendeu a turnê “Dangerous” por ter sido acusado de molestar sexualmente um garoto de 13 anos. Na época, nada foi provado. Só agora em 2005, o caso voltou a ser apurado, e novamente, em meio à *flashes*, interrogatórios, acariações, a justiça sentenciou como inocente o réu. Não houve provas que o condenasse. No Decadentismo também não há a consumação erótica. Há desvios, transgressões, contudo, mais conceitualizado que vivido na carne. Há sadismo no “voyeur”. O desejo está no plano mental. A perversão é marca no Decadentismo. Episódio de cunho também perverso revisita a memória de des Esseintes: “Alguns anos atrás, cruzara certa noite, na rua de Rivoli, com um rapazola de cerca de dezesseis anos, de tez algo pálida e ar finório, sedutor como uma rapariga (...) ele se chamava Auguste

Langlois” (Às Avessas, 1987, p. 101). Des Esseintes, solícito, convida-o aos prazeres carnais levando-o a conhecer mulheres, a desfrutá-las, ou seja, experimentando-o “a um luxo de que ele sequer suspeitava e que se gravará forçosamente em sua memória” (Às Avessas, 1994: 103). A fim de que ao se acostumar com tais delícias, “prazeres que os meios que dispõe lhe proibem” (Ibidem), o mesmo encontra meios de os perpetuar: “(...) e então ele irá roubar a fim de poder voltar aqui; lançará mão de todos os meios para resolver-se nesse divã à luz desse gás”. (Ibidem). A perversidade se mostra de forma explícita e textual: “(...) então, terei atingido o meu propósito e contribuído, na medida dos meus recursos, para criar um malandro, um inimigo a mais desta odiosa sociedade que nos espolia” (Ibidem).

Mas, voltando à androginia, é este hoje, o retrato de Michael Jackson. Após inúmeras cirurgias plásticas para afilar o nariz, tratamento rigoroso para enclareamento da pele, maquiagem excessiva, o astro transfigurou-se. Hoje, a imagem que se tem é a de um andrógino. Na transformação, há a pluralização do sujeito - uma constante mudança de máscara. Algo camaleônico. Metamorfose ambulântica. Dessubjetivação. Nem o sujeito sabe onde está a sua verdade. Retrata a errância do próprio sujeito.

O ARTIFICIALISMO: Para completar o tripé decadentista, não poderíamos deixar de tratar do artifício. Base de sustentáculo, premissa decadentista, o artifício é pose, é cena. E neste palco figuram de perto (embora em tempos distintos), des Esseintes e Michael Jackson. O culto do artifício, ou o simulacro como representação,

preunciado no Decadentismo, é hoje condição de todos nós. “Estética do artifício ou culto do simulacro: eis uma definição possível do Decadentismo, que cultivou, acima de tudo, o raro, o requinte, o anti-natural, (...). (MUCCI, 1994, p. 57). Sendo considerada a “bíblia decadentista”, Às Avestas é o próprio artifício, tanto nos objetos que compõem o cenário, como o é o próprio herói da narrativa:

“Nevroticamente visionário, o cérebro do herói de Às Avestas não tinha maior dificuldade em substituir ‘a realidade vulgar dos fatos’ por réplicas imaginativas mais satisfatórias do que ela. É o caso da sua sala de jantar em Fonteney, decorada à maneira de uma cabine de navio, até no cheiro de alcatrão e maresia, pelo que podia ele imaginar-se viajando sem ter de abdicar do conforto doméstico para sujeitar-se a incômodos deslocamentos. (Às Avestas, 1987, p. 14).

O artifício é marcado desde o princípio no espaço. O herói des Esseintes se enclausura na “torre de marfim” do seu castelo, nos altos de Fonteney-aux-Roses, o castelode Loupers, um local afastado, sem vizinhos, perto do forte, que ele decora com rigor e minúcia, tingindo de tons, (e não de cores), cada canto; medindo cautelosamente cada ângulo, cuidando do isolamento da passagem de sons que poderiam o incomodar.

Sonhava simplesmente compor, para seu prazer pessoal e não mais para espanto de outrem, um interior confortável e decorado não obstante de maneira singular, criar uma instalação original e calma, adequadas às necessidades de sua futura solidão (Às Avestas, 1994, p. 44).

Assim, também construiu Michael Jackson, o seu refúgio prazeroso: Neverland Valley, um rancho onde ele criou o seu mundo de sonhos infantis. O artifício também é enaltecido pelo herói de *Às Avestas* de tal forma que:

O artifício parecia, outrossim, a des Esseintes a marca distinta do gênio humano. Como ele costumava dizer, a natureza já teve a sua vez. (...) Não existe, aliás, nenhuma de suas invenções reputada tão sutil ou grandiosa que o gênio humano não possa criar. (As Avestas, 1987, p. 54).

A propósito, a imprensa divulgou um acordo entre uma mulher e Michael, no qual, este, a teria contratado para ser mãe-de-aluguel, se valendo, então, do artificialismo para ser pai. Soube-se também, algum tempo depois, que ele estaria usando um aparelho para filtrar o seu sangue, outro método artificial do qual ele se valeu. Mas é no capítulo IV que o culto ao artifício é levado aos extremos por des Esseintes. Isso acontece, quando este encomenda uma tartaruga e a imagina ornamentada da maneira mais estranha, artificial e cruel possível, para contrastar com o seu tapete do Oriente. Então, ele “decidiu revestir de ouro a couraça da sua tartaruga” (*Às Avestas*, 1987, p. 73). Não satisfeito, ele

Selecionou numa coleção japonesa um desenho que representava um enxame de flores (...) levou-o a um joalheiro (...) e fez saber ao lapidário estupefato que as folhas, que as pétalas de cada uma das flores seriam executadas em pedrarias e montadas na própria carapaça do animal. (As Avestas, 1987, p.74).

Para a cercadeira da carapaça, decidiu-se por minerais. Num prazer perverso, anômalo, desviante, ele se deliciava:

Des Esseintes contemplava agora, encolhida num canto da sua sala de jantar, a tartaruga que rutilava na penumbra. Sentia-se totalmente feliz (...) um tudo-nada sob a fatigada capa de couro e dando-lhe assim uma coloração de uma doçura antiga, assaz e moribunda. Depois de ter bebido o último gole, voltou ao seu gabinete e mandou a criada trazer-lhe a tartaruga que se obstinava em não mover-se. (Às Avessas, 1987, p. 76-77).

Acredito haver ainda, outras aproximações possíveis entre esses personagens. Sim. Dois personagens em tempos e espaços que se entrecruzam. A arte prenuncia a vida, ou às avessas disso. Um estilo ‘camp’. Pura teatralização destes seres. Tudo neles é pose. Desde o imaginário de des Esseintes à vida e à arte de Michael Jackson. O Neodecadentismo paira sobre nós.

Na nevrose de des Esseintes ou no uso das máscaras, luvas, e até aparelho para filtrar o sangue de Michael Jackson, percebemos parte da degradação destes heróis. O herói da narrativa é o herói do fracasso, denuncia o esboroamento, e como num espelho, nos faz refletir sobre tudo isso. A narrativa de ficção incomoda no sentido de nos causar reflexão. O herói aqui é solitário, sucumbe. “Des Esseintes deixou-se cair, prostrado, numa cadeira. – Dentro de dois dias estarei em Paris; vamos, - disse consigo – está tudo acabado mesmo; (...). (As Avessas, 1987, p. 254). Há a degradação do herói e do mundo. Ambos se degradam. Vivemos o Neodecadentismo. Os fantasmas pairam e assombram – assustam e ofuscam – mas não deixam

o *show* acabar “desafiada a ensaiar novas poses e a exhibir novos mascaramentos diante dos apelos inaugurais de encenação da Modernidade”. (BOUÇAS. **In**: LOBO, 1999, p. 118).

Arte e vida se entrelaçam. Atemporal, ou melhor, transtemporal, a Literatura ecoa, seja na voz de des Esseintes ou na de Michael Jackson.

Referências Bibliográficas

BARROS, Fernando Monteiro de. Baudelaire, Byron e Lúcio Cardoso – A flânerie e o dandismo do vampiro. Artigo publicado em edição eletrônica.

BOUÇAS, Luiz Edmundo. **In:** LOBO, Luiza. (Org). Fronteiras da literatura: discursos transculturais. Volume2. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1999.

CUNHA, Helena Parente. **In:** RIO, João do. Os melhores contos. São Paulo: Global, 1990.

HUYSMANS, J. K. Às Avestas. Tradução e estudo crítico José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MUCCI, Latuf Isaías. Ruína e simulacro decadentista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

NOVAES, Adauto. (Coord). Cultura brasileira: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Zahar/FUNARTE, 1987.